

Invasão. Os índios disseram ter recebido autorização de um suposto dono da terra

Guaranis montam aldeia no Parque do Caparaó

O grupo saiu de Aracruz e, há quase um mês, formou a tribo na área de preservação

ANDRESA ALCOFORADO
caparao@redgazeta.com.br
GUAÇUÍ

Uma tribo de índios guaranis do município de Aracruz, no Norte do Estado, resolveu formar uma aldeia dentro do Parque Nacional do Caparaó, numa área situada no Sul capixaba. São 14 adultos e 14 crianças que estão há um mês vivendo no lugar, onde querem ficar ao lado da "Montanha Sagrada", que seria o Pico da Bandeira.

Na mata fechada, o grupo fez uma clareira e construiu três casas, com lona e madeira. Quem fala pela tribo é Felix Karaí, uma espécie de líder. Sobre a chegada ao Caparaó, o índio conta que o grupo buscava uma terra melhor para plantar. "Já conhecíamos o lugar, melhor do que onde estávamos. Aqui, a terra é boa, tem muita água e, o melhor, fica longe da cidade. Fomos enganados, porque achamos que essa terra tinha um dono, e esse dono nos ofereceu o lugar."

Félix e os outros 27 indígenas saíram da Aldeia Boa Esperança. "Chegamos de ônibus. Gas-



Deus mostrou que a gente tinha que ficar perto da Montanha Sagrada. Os guaranis gostam de ficar perto da floresta"

TUPÃ GUARAI
PAJÉ

tamos R\$ 1.700,00 para o transporte", afirma ele. O pajé Tupã Guarai, que em português é chamado de Jonas, conta que o Caparaó foi indicado a eles por Deus, daí a decisão de sair da antiga aldeia. "Deus mostrou que a gente precisava ficar perto da Montanha Sagrada e da mata."

Nesta semana, a tribo recebeu a visita do administrador do Parque Nacional do Caparaó, Waldomiro de Paula Lopes. Ele informou que os índios não poderiam ficar nas terras federais, já que a área é considerada uma das mais importantes áreas de preservação da Mata Atlântica do país. Junto de representantes da Funai (Fundação Nacional do Índio), ficou decidido que a tribo retorna amanhã para Aracruz.

"Estamos tristes de ter que ir embora, porque queríamos for-

mar aqui a nossa aldeia. Lá, onde vivemos sempre falta água e a terra não é tão boa. Precisamos da terra para viver e continuar a tradição dos nossos antepassados", frisa Felix. A GAZETA ligou para a Funai, no início da noite de ontem, mas não conseguiu contato com ninguém para falar sobre o assunto.

Parque Nacional do Caparaó fica numa das partes mais altas do Sudeste brasileiro, entre os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Criado em 24 de maio de 1961 pelo Decreto Federal nº 50.646, conta com uma área de 31.800 hectares, sendo 70% no Espírito Santo.

FOTOS: RENILSON CHAGAS



INICIATIVA. Os índios abriam uma clareira no meio da mata

Alimentos não são suficientes para a tribo

Eles fizeram uma plantação, mas membros da comunidade não almoçam há dias

vegetações foram queimadas. No local, foram plantados milho e feijão, cujos brotos ainda estão bem pequenos. A alimentação é pouca para todos da comunidade; há dias que eles nem almoçam.

"Começamos a plantar, mas nem sabemos se vamos poder ficar aqui. É difícil continuar,

mas olhe só, (mostrando a pequena plantação) pelo pouco tempo, já existem brotos. Isso é um sinal de que a terra aqui é muito boa", relata a índia Maria Helena Brisuela.

É do artesanato feito de taquara e madeira que os índios estão vivendo. Com o material, eles fazem cestas,

objetos da cultura indígena e réplicas de animais selvagens. Tudo o que produzem levam para a cidade para fazer o comércio.

VENDA

"Chegamos aqui, mas a venda ainda está muito fraca e está mesmo difícil para com-

prar alimentos. Estamos tentando manter a aldeia unida, mas, mesmo com todas essas dificuldades, estamos felizes aqui", afirma Cristina de Oliveira, de 66 anos, a mais velha da tribo. Os indígenas garantem que não estão se alimentando de animais silvestres.

Para se instalarem na mata, os índios abriam uma grande clareira na floresta, algumas